



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 69

## Lota e Elizabeth [451 MHz]

**Branca Vianna:** Oi, eu sou a Branca Vianna. E o que você vai ouvir hoje não é um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Quer dizer: poderia ser um episódio do Rádio Novelo Apresenta. E na verdade, a partir de agora dá pra dizer que é, sim, um episódio do Rádio Novelo Apresenta... Mas é que esse episódio foi feito antes do Rádio Novelo Apresenta existir. Foi feito pela mesma equipe aqui da Rádio Novelo, num estilo parecido – meio um audiodocumentário narrativo – mas feito pra rodar em outro podcast: o 451 MHz, que a gente produz com a revista Quatro Cinco Um. Saiu em dezembro de 2021.

É possível que você já tenha ouvido esse episódio – mas também é possível que não, porque o público dos dois podcasts não é idêntico... mas é aquela história: os clássicos é bom a gente revisitar sempre. Quem conduz a gente por esse clássico é a Flora Thomson-DeVeaux. E essa história tava ali no quintal dela.

---

**Flora Thomson-DeVeaux:** O Rio de Janeiro não é só uma cidade à beira d'água. É, em boa parte, uma cidade roubada da água. De lagoas que viraram praças. De mar que virou asfalto, cimento e gramado.

**Evam Alves:** Isso aqui era água. Onde nós tamos era água.

**Paula Scarpin:** O senhor lembra bem disso?

**Evam Alves:** Ah, me lembro disso.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E o senhor lembra quando veio esse monte de terra? Como é que era?

**Evam Alves:** Não, é aqui onde nós estamos é água. Essas pedra veio de lá, não era daqui.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Antes de chegar na Bishop, eu queria te apresentar alguém. E não é o seu Evam, dono dessa voz aí que você acabou de ouvir. É um monte de terra e de pedra.

**Paula Scarpin:** E o senhor sabe de onde veio a terra que aterrou tudo aqui?

**Evam Alves:** Sei. O morro de Santo Antônio lá na Cinelândia onde hoje é o BNDES.

**Paula Scarpin:** O senhor lembra, não?

**Evam Alves:** Me lembro.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O seu Evam lembrou direito: Morro de Santo Antônio. Mas muita gente aqui no Rio, se você perguntar, vai lembrar de outro morro, o Morro do Castelo.

**Nelson:** Olha, eu sei que que veio do aterro do Monte Castelo, né?

**Flora Thomson-DeVeaux:** É que a história do Morro de Santo Antônio é menos conhecida. E olha que ele era grandinho, até: ia do que é hoje o Largo da Carioca até a Rua do Lavradio, na Lapa. Mas se você desconhece essas minúcias cariocas, pensa que era um morro bem no coração do Centro velho do Rio. Foram vários séculos de gente pobre morando nesse morro, e de governantes ameaçando derrubar. E, nesse tempo, ele escapou várias vezes. Até que não deu mais.

*“Morro de Santo Antônio”*

*Seu dotô, me compreenda*

*O progresso é necessário*

*Mas seu dotô*

*Pense um pouco no operário*

*Meu barracão*

*é todo meu patrimônio  
Por favor, não bote abaixo  
O morro de Santo Antônio*

**Flora Thomson-DeVeaux:** Evidentemente, o seu dotô não se compadeceu. Do Morro de Santo Antônio sobrou só um naco, a parte onde fica um convento.

Eu queria começar esse episódio falando dessa história, em primeiro lugar, porque eu não conhecia ela. Quer dizer, os contornos eu até conhecia. É uma história previsível, que se repetiu tantas vezes ao longo da história do Rio e do Brasil, que quase parece uma não-história. Mas é importante não esquecer dela.

**Silvia Ilg Byington:** O Santo Antônio era um morro em que habitavam muitas pessoas, muitas famílias, eu tive a oportunidade de entrevistar algumas dessas pessoas, que foram removidas para longe, para Baixada.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E a senhora que você entrevistou nunca tinha pisado no Parque do Flamengo, né?

**Silvia Ilg Byington:** É. Ela, não. Porque ela dizia que aquilo ali era tudo "terra do morro da gente".

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa é a Silvia.

**Silvia Ilg Byington:** Meu nome é Silvia Ilg Byington, eu sou doutora em História Social da Cultura e trabalho como pesquisadora do núcleo de memória da PUC-Rio.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E eu queria falar com ela sobre o que foi feito da terra do morro daquela gente. E como aquela terra daquele morro acabou atravessando um relacionamento que já era pouco convencional, e deixando um rastro de destruição. E de beleza.

Mais pra frente a gente volta a falar com a Silvia.

O Morro de Santo Antônio foi arrasado ao longo da década de 50. E esse período de destruição corresponde a uma década feliz na vida de duas pessoas.

**Paulo Henriques Britto:** Ela data a carta dela 11, 12 ou 13 de dezembro de 51, e eu nasci dia 12, então foi mais ou menos quando nasci, que ela chegou.

**Flora Thomson-DeVeaux:** “Ela” é a poeta norte-americana Elizabeth Bishop. E ele é o Paulo Henriques Britto.

**Paulo Henriques Britto:** Eu sou tradutor, e professor de tradução, e eu passei anos da minha vida envolvido com a obra da Bishop.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Era pra ser uma visita rápida ao Rio de Janeiro, naquele dezembro de 1951.

**Paulo Henriques Britto:** Ela estava fazendo uma viagem de circunavegação de todo continente americano, ou era pra conhecer a Califórnia, que ela não conhecia, ia terminar a viagem em São Francisco, mas a pessoa tinha o direito de parar o quanto tempo quisesse no meio do caminho, pegar um outro navio da mesma operadora lá, né, então ela resolveu vir dar um tempo no Brasil, no Rio de Janeiro.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Não é que a Bishop tivesse muito interesse pelo Brasil. Ela tinha resolvido fazer uma parada no Rio de Janeiro pra visitar um casal conhecido dela: a bailarina norte-americana Mary Morse e a companheira dela, a Lota de Macedo Soares.

**Paulo Henriques Britto:** E aí tem o famoso episódio da... que ela come um caju, pra americano, caju é o nome de uma *nut*, castanha do caju. Se você dizer pro americano que o caju é uma fruta succulenta, você causa um certo espanto. E ela viu o caju resolveu dar uma mordida no caju e teve uma reação alérgica terrível, ela inchou tanto, que a bochecha dela encostou aqui em cima do olho, ela ficou sem poder enxergar uns dias né.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Talvez você já conheça alguma versão ficcionalizada dessa história. Já fizeram pelo menos um filme e dois livros até agora, em inglês e português. Mas, entre todas essas fontes, eu sempre fico com as cartas da Bishop. O próprio Paulo Henriques traduziu uma coletânea enorme delas.

A gente vai ouvir, aqui nesse episódio, trechos dessas cartas, na voz da poeta Bruna Beber.

***Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:*** *Só dei duas mordidas num caju, duas mordidas muito azedas. Naquela noite meus olhos começaram a arder, e no dia seguinte comecei a inchar – e inchar e inchar; eu não sabia que era possível uma pessoa inchar tanto assim. Durante mais de uma semana fiquei sem enxergar nada.*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> 8 jan 1952

**Paulo Henriques Britto:** Ela escreve maravilhosamente bem, ela é uma epistológrafa excepcionalmente boa, das grandes epistológrafas da literatura americana, sem dúvida.

***Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:** Ontem eu estava me sentindo muito melhor, tanto que resolvi lavar a cabeça, e desmaiei. A pobre da minha anfitriã ficou tão assustada que começou a desmaiar – sem dúvida, é a anfitriã perfeita.<sup>2</sup>*

**Flora Thomson-DeVeaux:** A anfitriã perfeita era a Lota, claro. Mas foi um pouco além disso.

**Paulo Henriques Britto:** E nesse momento, a Lota, que era então companheira da Mary Morse, né, a Lota se aproxima muito dela, e as duas começam a ter um caso amoroso, e com isso a Bishop jamais retoma a viagem dela de circunavegação e acaba ficando no Brasil, com intervalos, mais de 20 anos, né.

***Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:** Fora a cara inchada e a asma, estou me sentindo bem, e embora saiba que dizer isso é provocar a Providência divina, há dez anos que não me sinto tão feliz...<sup>3</sup>*

**Paulo Henriques Britto:** É muito rápido, é tudo muito rápido. Porque ela vem, tem a intoxicação com o caju, e a relação com a Lota é uma coisa que de repente, né... a coisa acontece de repente, as duas começam a se envolver cada vez mais e ela constata que não vai mais voltar, né.

**Nádia Nogueira:** A Bishop tem uma história pesadíssima, o pai dela morreu, ela tinha meses, a mãe entrou num surto psicótico. A última vez que ela viu a mãe, ela tinha quatro, cinco anos. A mãe acabou morrendo numa clínica.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa é a Nadia Nogueira, que fez a tese de doutorado dela sobre esse relacionamento que começou com um caju.

**Nádia Nogueira:** E a Bishop bebia muito, tinha asma, tinha vários problemas de saúde, né? Até o amigo falar, "Bishop era bichada". Cheia de problemas mesmo, psíquicos e alcoólatra. Bebia demais, demais, demais. Antes dela vir ao Brasil, ela tinha acabado de sair de uma colônia, que ela ficou um tempo numa colônia de escritores para sair de uma dessas fases de forte crise com a bebida. Ela veio para o Brasil limpa. Ela tinha acabado de sair da clínica. E a Lota vai ser o porto seguro, a Lota vai ser a pessoa que vai dar uma casa, a Lota vai ser a pessoa que vai dar uma família.

---

<sup>2</sup> idem

<sup>3</sup> idem

**Flora Thomson-DeVeaux:** O livro da Nádia sobre a Bishop e a Lota se chama "Invenções de si em histórias de amor". Quem tá na capa é a Bishop, mas acho que dá pra dizer que a estrela do livro é a Lota. A Lota de Macedo Soares era uma filha da aristocracia carioca; o pai dela acabou fundando o jornal *Diário Carioca*.

**Nádia Nogueira:** A Lota nasceu em Paris, foi estudar na Bélgica porque o pai dela teve problemas na época do governo do Getúlio Vargas. Ela e a irmã foram estudar na Bélgica em um colégio interno. E se deparou com essa dificuldade de fazer parte de algo, de estar inserida em algo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A relação dela com a família nunca foi fácil. A Lota sentia que o pai dela preferia a irmã, que era mais tradicionalmente feminina, e isso fez com que ela se sentisse feia a vida toda. Ela não gostava, por exemplo, que tirassem fotos dela. E sentia que não se encaixava em lugar nenhum.

**Nádia Nogueira:** Morou em Nova Iorque na vida adulta, isso porque a mãe tinha deixado uma grande herança e essa herança foi dividida entre ela e a irmã. Essa herança diz respeito a praticamente um bairro inteiro de Petrópolis, né, que foi loteado. E enfim, ela ficou com grande parte dessa herança, e pôde realizar muitos sonhos, como por exemplo morar grande parte da vida dela em Nova Iorque.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Lota voltou de Nova Iorque com uma companheira – a Mary Morse – e começou um plano de pegar aquela terra toda em Petrópolis, lotear e construir uma casa pra elas na montanha.

**Nádia Nogueira:** Ela nunca se formou. Às vezes a gente fala, "a Lota arquiteta, a Lota paisagista"-- a Lota é autodidata, né?

**Flora Thomson-DeVeaux:** O projeto da casa era do arquiteto Sérgio Bernardes, e ganhou um prêmio importante naquela época. Mas tudo indica que a Lota contribuiu bastante pro resultado final.

A obra ainda não tava acabada quando a Bishop topou ficar, e acabou fixando residência no sítio de Petrópolis. Ali, in loco, ela conseguia observar a autodidata tocando a obra.

**Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:** *“Lota está zanzando de um lado para o outro e o nosso vidraceiro, tentando calcular o custo de envidraçar a varanda. Ela quase nunca anda sem uma trena, uma colher de pedreiro ou uma chave de fenda”*.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> 10 abr 1958

**Flora Thomson-DeVeaux:** Segundo a Bishop, a Lota em ação parecia uma “mistura de engenheira com senhor de escravos”.

**Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:** *“Ela parece estar em ótima forma, mandando numa equipe de catorze ou quinze homens. Estamos começando a construir a garagem, o que implica primeiro em desmontar um morro e colocar a terra dentro de um vale – no momento, isto aqui está parecendo o canteiro de obras da construção do Canal do Panamá. Mas a Lota fica sempre feliz quando alguma coisa está em obras”.*<sup>5</sup>

**Nádia Nogueira:** Ela estava lá fazendo o que ela mais gostava, que era destruir-- tirar pedra do caminho, construir piscina, tirar pedra do caminho para fazer estrada, tirar árvore do lugar, conversar com pedreiros.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E as conversas dela com os pedreiros chamavam a atenção da Bishop, recém-chegada.

**Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:** São “chamados por Lota de ‘minha flor’, ‘meu lindo’, ‘meu filho’ etc. – quando não de coisas igualmente absurdas, só que no sentido contrário”.

**Sebastião Lacerda:** A Lota falava palavrão. Que era uma coisa que homem não falava na frente de mulher, imagina uma mulher falar, era uma coisa que provocava consequências catastróficas a mulher falar algum palavrão. E a Lota falava à vontade.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Esse é o editor Sebastião Lacerda.

**Sebastião Lacerda:** Não era uma coisa assim de botequim, mas quando precisava enfatizar alguma coisa, ela vinha com um palavrão que -- na hora certa. Mas com extrema naturalidade.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Se você já conhece um pouquinho da história, deve tá desconfiado com esse sobrenome do Sebastião, né? Sim, ele é filho do Carlos Lacerda. Aquele mesmo, o arqui-inimigo do Getúlio Vargas.

O Carlos Lacerda, pai do Sebastião, comprou um dos lotes do terreno da Lota pra fazer o sítio dele. E os dois acabaram ficando amigos.

**Sebastião Lacerda:** Tem um tipo de criança que havia na época que era classificado como criança de sala. Criança que pode ficar na sala sem

---

<sup>5</sup> 22 mai 1958

chatear ninguém, ficar quieto. Eu era capaz de ficar quieto. Eu ficava quieto prestando atenção na conversa dos adultos. E achava engraçado no princípio, inclusive prestar atenção na conversa em inglês. Dos três. Por causa da Elizabeth.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Como o Sebastião tinha esse dom de ficar quieto, ele teve bastante oportunidade pra testemunhar a dinâmica desse grupo. Com palavrão e tudo.

**Sebastião Lacerda:** Eu não estranhava o fato delas serem um casal. Apenas eu não digamos não só não rotulava esse fato como não aprofundava, é um casal. Pronto. Sabe? Eu demorei a entender o papel da Mary nisso. Porque antes não, antes era a Lota e a Mary. Estavam sempre juntas. Depois passou sempre a Lota, a Elizabeth e às vezes a Lota, Elizabeth, e a Mary. Esse arranjo é que até nos dias que correm é complicado. De você fazer um um concerto desses numa relação até hoje é complicado, evidente, né.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O Sebastião diz que não entende até hoje como é que a Lota convenceu a Mary Morse, a antiga companheira dela, a ficar morando no mesmo terreno, depois que ela se apaixonou pela Bishop. Mas ele bota na conta da personalidade forte dela.

**Sebastião Lacerda:** A Lota era daquelas pessoas que a liderança é natural, entende? E autoritária e enérgica, e era muito engraçada, era uma pessoa muito inteligente. Ela tinha dois carros. Tinha um jipe inglês, daqueles jipes que inglês usavam na na nas savanas africanas, e um MG também inglês que era o carro mais lindo que já apareceu.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Tinha muita coisa na Lota que chamava a atenção dele, quando ele era pequeno. Tinha o carrão, os palavrões. E também o look.

**Sebastião Lacerda:** Ela tinha um cabelo muito comprido que ela usava sempre preso em coques e usava pintura zero, só andava de calça jeans que era uma era uma coisa que na época mulher não usava, não usava calça jeans, não havia essa hipótese. E mocassins americanos...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Aliás, eu aprendi com a Nádia Nogueira que isso provavelmente não era casual.

**Nádia Nogueira:** As trademarks das lésbicas cariocas desse período eram a camiseta polo e o mocassim. Você olhou uma mulher na rua, estava de mocassim, havia grande possibilidade dela ser uma lésbica.



**Flora Thomson-DeVeaux:** Atenção garotas, fica aí a dica pro próximo dia da Visibilidade Lesbica.

**Sebastião Lacerda:** A Lota era evidentemente o farol. O farol da relação. Porque Elizabeth além de complicada, nitidamente uma pessoa complicada, era tímida, falava pouco e bebia bastante. Então ela estava sempre como dizia um um amigo meu ela estava sempre naquele porre médio. A Lota ofuscava muito, entende? Ofuscava muito porque ele inclusive ela dizia “não, o que a Elizabeth está querendo dizer é isso isso isso isso”, sabe, ela tinha inclusive essa atitude. A Elizabeth se enrolava na interpretação e no inglês e a Lota vinha e esclarecia tudo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Era um caso clássico de opostos que se atraem. Aqui de novo o Paulo Henriques Britto.

**Paulo Henriques Britto:** É, era uma coisa de complementaridade total. A Lota uma pessoa totalmente extrovertida, despachadíssima, né, gregária, mandona, com uma cabeça boa pra números, pra projetos, pra orçamentos... E a Bishop o contrário, a Bishop uma pessoa retraída, tímida, de poucos amigos, que não sabe lidar com máquinas, nunca aprendeu a dirigir direito... o negócio dela era realmente, o departamento dela era a arte né.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O grande projeto da Lota nesses anos era a obra da casa em Petrópolis, que se arrastou uns bons seis anos depois da chegada da Bishop. Mas, depois que a Bishop chegou, outro projeto era a própria Bishop.

**Paulo Henriques Britto:** Era o projeto da Lota, a Lota encampou esse projeto. Ela percebeu exatamente que a Bishop precisava de um lar, precisava de afeto, precisava de estabilidade emocional, um lugar para trabalhar, e... o acesso restrito ao álcool, tudo isso a Lota percebeu, entendeu. Foram os anos mais felizes da vida da Bishop.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O lugar pra trabalhar era um estúdiozinho que a Lota mandou construir.

**Paulo Henriques Britto:** Uma casinha separada, no fundo do terreno, com a janela que não dava pra vista, dava pra pedra, de propósito, pra ela não ficar olhando pra vista né, e aí era o espaço dela. Esse escritório ela enchia de livros, papéis, máquinas de escrever. Era um espaço dela, ninguém entrava ali.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Bishop escreveu muitas cartas desse estúdio. E, nessas cartas, ela fala da alegria dela, da sensação de ter finalmente encontrado um lar, aos mais de 40 anos.

**Paulo Henriques Britto:** Então os primeiros anos, entre mais ou menos janeiro de 52 e 60, que é quando tem eleição, que o Lacerda vira governador da Guanabara e convida a Lota a dirigir as obras do Aterro do Flamengo, durante esses 10 anos então, que coincide mais ou menos com os anos 50, é um período de grande felicidade pessoal na vida da Bishop, de grande estabilidade emocional pra ela, e também de muita produtividade, né, nesse momento que a Bishop vai escrever boa parte dos poemas pelos quais hoje em dia ela é mais famosa, né.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Da Lota, sobraram poucas cartas. E a gente não conseguiu localizar também nenhuma gravação da voz dela. Mas eu me arrisco a dizer que dá pra ouvir a voz dela em alto e bom som num dos poemas que a Bishop escreveu nessa época em Petrópolis.

**Paulo Henriques Britto:** É um poema em que ela diz assim "a friend", né, em inglês não tem marca de gênero, mas a gente sabe.. uma amiga da poeta fala, e aí você ouve a voz da Lota falando, né, aquela pessoa, da elite brasileira, irritadíssima com um empregado, ela que vive na terra dela, faz pequenos serviços pra ela, mas que é um cara inteiramente incompetente, ela dá dinheiro pra ele, pra ele fazer uma coisa, ele faz outra com o dinheiro, né, faz tudo errado, o que ele planta nada cresce...

**Flora Thomson-DeVeaux:** O poema se chama "Manuelzinho." Vou ler o poema em inglês, e na sequência, a Bruna Beber lê o mesmo poema em português, na tradução do Paulo Henriques Britto. Aqui vai um trecho:

*Half squatter, half tenant (no rent) –  
a sort of inheritance; white,  
in your thirties now, and supposed  
to supply me with vegetables,  
but you don't; or you won't; or you can't  
get the idea through your brain –  
the world's worst gardener since Cain.*

*Rendeiro que veio com a terra  
(mas nunca paga aluguel) –  
branco, trintão, meu suposto  
fornecedor de legumes,  
só que não quer, ou não sabe,  
fornecer nada para mim –  
o pior hortelão desde Caim.*

*Tilted above me, your gardens  
ravish my eyes. You edge*

*the beds of silver cabbages  
with red carnations, and lettuces  
mix with alyssum. And then  
umbrella ants arrive,  
or it rains for a solid week  
and the whole thing's ruined again  
and I buy you more pounds of seeds,  
imported, guaranteed,  
and eventually you bring me  
a mystic three-legged carrot,  
or a pumpkin "bigger than the baby."*

*Sua horta, lá no alto, torta,  
é uma festa para os olhos. Nas beiras  
dos canteiros de repolho  
você planta cravos, e alface  
misturada com escudinha.  
Então vêm as saúvas, ou  
chove uma semana inteira,  
e tudo se perde outra vez  
e eu lhe dou sementes aos quilos,  
importadas, garantidas,  
e um dia você me traz  
uma cenoura mística, trípede,  
ou uma abóbora "maior que um bebê".*

**Paulo Henriques Britto:** O recria de uma maneira perfeita, ainda que a língua inglesa, o que você imagina que seria realmente a voz da Lota. É aquela voz de uma pessoa da classe média, da classe alta brasileira, que, ao mesmo tempo, precisa da criadagem, precisa lidar com essas pessoas, e ao mesmo tempo não consegue conter a irritação que tem, por exemplo, as pessoas são muito primitivas, são analfabetas.

*I watch you through the rain,  
trotting, light, on bare feet,  
up the steep paths you have made –  
or your father and grandfather made –  
all over my property,  
with your head and back inside  
a sodden burlap bag,  
and feel I can't endure it  
another minute; then,  
indoors, beside the stove,  
keep on reading a book.*

*Eu vejo você caminhando,  
pés ágeis, descalços, na chuva,*

*subindo os caminhos íngremes  
que você, ou seu pai, ou seu avô,  
abriram por toda a minha terra,  
cabeça e costas protegidas  
por um saco de aniagem, e sinto  
que não aguento mais um minuto;  
depois, junto à estufa, mergulho  
na leitura de algum livro.*

**Paulo Henriques Britto:** Então o poema causou um certo impacto publicado aqui, as pessoas ficaram meio horrorizadas com isso, mas é o brasileiro se horrorizando com a elite que tem, quer dizer... o que a Bishop diz ali, nada mais é, do que o tipo de coisa que a elite brasileira diz, exatamente o tipo de visão ao mesmo tempo preconceituosa e afetuosa, isso é que é bem brasileiro.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Lota tá escondida em vários cantos da obra poética da Bishop. Em “Manuelzinho” ela assume o eu-lírico, mas a presença dela aparece de forma fragmentada em outros lugares.

**Paulo Henriques Britto:** Então ela vai ter uma série de poemas né, que ela vai produzir nessa época, que são poemas de amor belíssimos, e são meio indiretos, evidentemente ela.. o único poema em que ela escancara uma cena sexual, mas sem identificar o sexo das pessoas, foi um poema que ela escreveu quando morava em Key West, se eu não me engano, e esse poema que acabou.. uma pesquisadora foi lá, a Ouro Preto, pegou duma das amigas dela esse poema, ele foi publicado postumamente. É o único poema dela que é explicitamente sexual e mesmo assim não esclarece qual é o sexo das pessoas, em que há uma certa identificação entre o objeto amoroso e a casa. A casa é, de certo modo, uma metonímia pra Lota, né.

*Hidden, oh hidden  
in the high fog  
the house we live in,  
beneath the magnetic rock,  
rain-, rainbow-ridden,  
where blood-black  
bromelias, lichens,  
owls, and the lint  
of the waterfalls cling,  
familiar, unbidden.*

*Oculto, oculto,  
na névoa, na nuvem,  
a casa que é nossa,  
sob a rocha magnética,*

*exposta a chuva e arco-íris,  
onde pousam corujas  
e brotam bromélias  
negras de sangue, líquens  
e a felpa das cascatas,  
vizinhas, íntimas.*

*In a dim age  
of water  
the brook sings loud  
from a rib cage  
of giant fern; vapor  
climbs up the thick growth  
effortlessly, turns back,  
holding them both,  
house and rock,  
in a private cloud.*

*Numa obscura era  
de água  
o riacho canta de dentro  
da caixa torácica  
das samambaias gigantes;  
por entre a mata grossa  
o vapor sobe, sem esforço,  
e vira para trás, e envolve  
rocha e casa  
numa nuvem só nossa.*

**Paulo Henriques Britto:** O Song For the Rainy Season, né, a canção para estação das chuvas, é um exemplo, é um poema maravilhoso, é muitíssimo bom, com um metro mais ou menos regular, com rimas irregulares, e com imagens fantásticas. A minha imagem predileta é o Mapa Ignorante do Bolor, que as paredes da casa são cobertas de bolor, formando mapas, diz que é um mapa ignorante, é maravilhoso, imagens perfeitas no poema.

*At night, on the roof,  
blind drops crawl  
and the ordinary brown  
owl gives us proof  
he can count:  
five times—always five—  
he stamps and takes off  
after the fat frogs that,  
shrilling for love,  
clamber and mount.*

*À noite, no telhado,  
gotas cegas escorrem,  
e a coruja canta sua copla  
e nos prova  
que sabe contar:  
cinco vezes – sempre cinco –  
bate o pé e decola  
atrás das rãs gordas, que  
coaxam de amor  
em plena cópula.*

*House, open house  
to the white dew  
and the milk-white sunrise  
kind to the eyes,  
to membership  
of silver fish, mouse,  
bookworms,  
big moths; with a wall  
for the mildew's  
ignorant map;*

*Casa, casa aberta  
para o orvalho branco  
e a alvorada cor  
de leite, doce à vista;  
para o convívio franco  
com lesma, traça,  
camundongo,  
e mariposas grandes;  
com uma parede para o mapa  
ignorante do bolor;*

*darkened and tarnished  
by the warm touch  
of the warm breath,  
maculate, cherished;  
rejoice! For a later  
era will differ.*

*escurecida e manchada  
pelo toque cálido  
e morno do hálito,  
maculada, querida,  
alegra-te! Que em outra era  
tudo será diferente.*

*(O difference that kills  
or intimidates, much  
of all our small shadowy  
life!)*

*(Ah, diferença que mata,  
ou intimida, boa parte  
da nossa mínima, humilde  
vida!)*

*Without water  
the great rock will stare  
unmagnetized, bare,  
no longer wearing  
rainbows or rain,*

*Sem água  
a grande rocha ficará  
desmagnetizada, nua  
de arco-íris e chuva,*

*the forgiving air  
and the high fog gone;*

*e o ar que acaricia  
e a neblina  
desaparecerão;*

*the owls will move on  
and the several  
waterfalls shrivel  
in the steady sun.*

*as corujas irão embora,  
e todas as cascatas  
hão de murchar ao sol  
do eterno verão.*

**Flora Thomson-DeVeaux:** O poema começa com a casa coberta de névoa e termina com a água secando sob um sol impiedoso.

**Paulo Henriques Britto:** Isso que é interessante, os grandes poemas amorosos dela, sempre preveem o fim, o Xampu que é outro exemplo magnífico né, o Xampu ela tá lavando os cabelos da Lota, né, e o poema começa com uma afirmação ingênua, que obviamente não era pra ser levada a sério, que elas têm todo tempo do mundo, que o tempo tá do lado delas, e

termina ela lavando o cabelo da Lota, e vendo umas estrelas cadentes no cabelo dela, que são os fios brancos que tão nascendo, obviamente né.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Bishop e a Lota nunca se casaram, por motivos óbvios. Mas a Bishop usava uma aliança de ouro, gravada com o nome da Lota, e com a data em que ela decidiu ficar no Brasil: 20/12/1951.<sup>6</sup>

**Paulo Henriques Britto:** Durante os anos 50, tudo levava a crer que as duas iam ficar velhinhas juntas né. O grande transtorno que acabou com a paz da Bishop, a paz do casal, foi, realmente, o Aterro do Flamengo. Foi a grande realização da Lota, e ao mesmo tempo foi, pra relação das duas, foi uma catástrofe.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O que a Bishop foi pra Mary e pra Lota, os destroços do Morro de Santo Antônio foram pra Lota e pra Bishop.

**Paulo Henriques Britto:** Começa em 60, quando a relação começa a ir pro espaço, que é um momento que ela faz a grande obra da vida dela, que é o Aterro do Flamengo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A questão era a seguinte: o Morro de Santo Antônio foi arrasado e a terra foi sendo assentada, num prolongamento da Praia do Flamengo, no decorrer dos anos 50. Mas conforme esse novo espaço de terra foi surgindo, empurrando o mar, ninguém conseguia chegar a uma conclusão sobre o que que ele devia ser. Sebastião Lacerda:

**Sebastião Lacerda:** O Aterro já estava feito. Não foi meu pai quem fez o Aterro. O Aterro começou no primeiro governo Negrão de Lima quando ele era prefeito. Tanto que o Congresso Eucarístico em 55 já foi feito no Aterro. Só que os caras passaram cinco anos e não conseguiam resolver o que fazer com aquele aterro. Então havia as propostas mais absurdas assim como oito pistas de rolamento que iam acabar em quatro ou três no Túnel Novo, quer dizer, não podia dar certo, ia ser uma fábrica de engarrafamentos colossais diários. Enfim, uma besteira, nem precisava disso.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Aqui a Nádia Nogueira de novo.

**Nádia Nogueira:** Na verdade ela estava lá quietinha em Petrópolis fazendo a casa de Samambaia, e o Lacerda era amigo, super amigo mesmo, amigo pessoal dela, parece que eles falavam a mesma língua, né, de pessoas de personalidade forte. Ele convida, pergunta a ela: "Ô, Lota, você não quer

---

<sup>6</sup> "That gold ring I usually wear says inside (or did I show you?) Lota – 20-12-51'. Twenty years ago was the day I told Lota I'd stay in Brazil and she had [the ring] made for my birthday the next February."



fazer alguma coisa, me ajudar aqui no governo?". E ela fala: "Eu quero. Eu quero transformar esse monte de entulho em um parque a exemplo do Central Park, para que as pessoas usufruam desse lugar, para que as pessoas vivam nesse lugar, estejam nesse lugar."

**Flora Thomson-DeVeaux:** Vou fazer uma pausa aqui pra gente fazer um exercício de visualização. Você tem na cabeça a imagem do Parque do Flamengo? Quando eu penso no parque, eu penso sempre nele visto bem lá do alto, como se fosse de dentro de um avião, talvez de tanto pousar no aeroporto Santos Dumont ali do lado. Visto lá de cima, é uma faixa grande de verde entre os bairros do Flamengo, Catete, e Glória, e as águas da Baía de Guanabara. Mas em 1960, quando o Carlos Lacerda ganhou a eleição pro governo do Estado, o Aterro era um descampado entre os prédios e o mar recuado da Praia do Flamengo. Um descampado feito de um monte de entulho mesmo. A Lota olhou aquilo e teve uma visão.

Quando a gente pensa que o projeto anterior era transformar o Aterro em quatro pistas expressas, pra fazer uma conexão mais rápida entre a Zona Sul e o Centro e desafogar um possível futuro trânsito – esse projeto do Parque é uma revolução. Ou um delírio, dependendo de como você olhar as coisas.

Apesar do amor da Lota pelos jipes e MGs da vida, ela achava que a pior coisa que se podia fazer com aquele lugar era pista de carro. Duas já tinham sido feitas, mas ela conseguiu barrar o resto.

Tem um texto em que ela justifica a ideia do parque, que começa assim: *“O maior inimigo da beleza e do conforto de uma grande cidade é o automóvel. As pistas cada vez mais largas, os estacionamentos cada vez maiores vão destruindo rapidamente os edifícios antigos, as travessas estreitas, os jardins, os becos, as tortuosas ruas que desembocam inesperadamente em pequenas praças e que dão à cidade aquele elemento de surpresa e de originalidade que a distingue das outras.”* Aqui a Silvia Ilg Byington de novo:

**Sílvia Ilg Byington:** Ela tinha críticas, e a primeira publicação do plano urbanístico do Parque do Flamengo sob a sua caneta é uma crítica direta à forma como as cidades estão se desenvolvendo e esse fetiche da máquina contra o homem. Ela batalhava por isso, ela brigava por isso, ela criou uma série de atividades, espaços no parque que traziam essa recreação ativa da população para que a população ocupasse essa área e tivesse uma

experiência urbana completamente diferente daquele dia a dia que, ela dizia, massacrado, da pobreza carioca.

**Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:** *O que antes ia ser uns dois quilômetros de pistas nuas cercadas por um parque sem sombras e sem nada de interessante agora vai ter bastante sombra, playgrounds, restaurantes, cafés ao ar livre, pistas de dança — se tudo correr bem. A Lota tem mil ideias boas e viáveis.*

**Flora Thomson-DeVeaux:** Só lembrando que a Lota não era arquiteta, nem urbanista, nem paisagista. Ela era só uma força da natureza que andava com uma colher de pedreiro na cintura. E que tinha autoridade pra delegar o trabalho, como ela queria, pra gente formada: o arquiteto Affonso Reidy, o paisagista Roberto Burle Marx, uma especialista em playgrounds chamada Ethel Bauzer Medeiros... e ela ficou regendo essa orquestra toda.

**Sílvia Ilg Byington:** A Lota falava que era o parque dela, muitas pessoas falavam o Parque da Dona Lota, mas é uma obra coletiva sim. Isso é um pouco entender o papel da Lota. Ela é a pessoa que articula, e aí outro dia eu li um relatório que falava sobre como as cidades brasileiras estão nas providências para as mudanças climáticas. E aí dizia, temos corpo técnico, os recursos existem, a gente tem conhecimento científico, tem tecnologia. O que falta? Falta vontade política, falta gestão. Então é meio a ideia do que a Lota faz com a sua formação autodidata importante de urbanista, de artista, de amiga de todos esses intelectuais artistas modernos, ela articula todos esses profissionais para criar um grupo de trabalho para formatar e implantar o plano urbanístico.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O Aterro foi se fazendo – ou melhor, o Parque do Flamengo foi se fazendo a partir do entulho do Aterro – nesse bate-bola, ou embate mesmo, entre a Lota, a equipe dela, e o governo do Lacerda. Porque, apesar de o amigo governador ter dado carta branca pra ela fazer o que quisesse com o Aterro, ela sentia que ele não dava ao parque a importância devida. Nadia Nogueira:

**Nádia Nogueira:** Uma coisa que ela fala também do interceptor oceânico, que eu adoro - que foi feito um interceptor oceânico imenso para levar o saneamento lá em alto mar, e ela fala isso numa carta:

**Flora Thomson-DeVeaux:** *“Você fica com essa porcaria desse negócio de esgoto, de água e não sei o quê, você pensa que alguém vai se lembrar de você por causa disso?”* Lota perguntou. E ela continuou, abre aspas: *“No dia em que puxarem a descarga da privada e sair água, ninguém vai se lembrar de você; quando o sujeito tiver filho na escola, nunca mais se lembrará que essa escola foi feita por você.*

*Água e escola são fatos naturais que todo governo tem obrigação de fazer. A única coisa de que vão lembrar é que você fez o parque do Flamengo.”* Fecha aspas.

**Nádia Nogueira:** Essa documentação dela com o Lacerda está lá na UnB. É o arquivo do Carlos Lacerda, que está na biblioteca da UnB. Eu gosto de falar isso porque as pessoas ouvem e falam “mas onde será que ela encontrou isso?”

**Flora Thomson-DeVeaux:** Nessa troca de correspondências entre a Lota e o Lacerda sobre o Aterro, a gente encontra alguns registros do que devem ter sido muitos esporros e puxões de orelha. Numa carta de 65, ela escreveu assim: *“Pelo jeito que as coisas vão, o Juscelino fez uma ‘cidade’ no meio do deserto, e nós não conseguimos fazer um jardim no mesmo espaço de tempo. Interessante, não é?”* Tá bom pra você?

**Nádia Nogueira:** Também, gente, ela não tinha uma personalidade muito fácil, né? Ela não aceitava “não”. Ela ia pra cima mesmo...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Nas memórias dele, o Lacerda escreveu que a Lota pedia demissão umas quatro ou cinco vezes por semana. Aqui o Sebastião Lacerda de novo:

**Sebastião Lacerda:** Uma coisa muito hilariante também porque os argumentos da Lota eram muito sobretudo muito engraçados e muito verdadeiros e muito absolutamente sinceros com a veemência da sinceridade. Então meu pai, “Lota, por favor chega, não me chateia mais com isso”, “Mas como? É a coisa mais importante do seu governo!” E ele ria disso, ele achava graça nela também. Eu me lembro de uma passarela em frente ao Museu de Arte Moderna que foi chamada até Passarela Paulo Bittencourt...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Se você tá no Rio de Janeiro, pausa o podcast e corre lá pra frente do Museu de Arte Moderna pra espiar essa passarela. Se você não tá no Rio ou tá com preguiça, pode jogar no Google: Passarela Paulo Bittencourt. É uma estrutura curvilínea, nada extravagante. Mas tem um gingado nas linhas que realmente chama a atenção.

**Sebastião Lacerda:** É desenhada pelo Reidy, pelo Afonso Eduardo Reidy. Então ela tem um movimento diferente. É lindo, é uma coisa. Aí eu me lembro de um bilhete da Lota – “Evidentemente que aqueles idiotas da SURSAN - que era Secretaria de Obras, né? - reclamaram do fato da passarela custar vinte e cinco por cento mais cara do que a outra. Mas em

compensação ela é 800% mais bonita e tal, não sei o que, do que aquela porcaria que elas apresentaram.”

**Flora Thomson-DeVeaux:** Aliás, aqui eu queria pedir um momento da sua atenção pra pensar não só nessa passarela específica, mas no conceito de "passarela". No desenho original do Aterro, os pedestres iam atravessar aquelas pistas todas de alta velocidade por passagens subterrâneas. E algumas chegaram a ser construídas, existem até hoje. Quando a Lota chegou, ela achou que aquilo era o fim da picada. Os carros não podiam passar por cima da cabeça das pessoas. As pessoas é que tinham que ser elevadas.

**Nádia Nogueira:** Eu acho que o parque é, eu arrisco a dizer, é um poema. Porque, por exemplo, aquelas passarelas, né? Eles não queriam aquilo, porque aquilo encarecia e tal. Ela falava: não, mas a pessoa tem que ver, ela tem que ver o parque, ver o mar, ela tem que ver a cidade. Ela tem que sentir esse entorno dela.

Me deu uma emoção agora. Eu não sou carioca, eu fui conhecer o Aterro já estava fazendo o doutorado, eu tinha estudado o Aterro. Eu caminho quando eu passo do MAM até Botafogo. A beleza paisagística pensada pela Lota, criada pela Lota, sedimentada pela Lota, foi um impacto para mim.

*[som ambiente do Aterro do Flamengo]*

**Nádia Nogueira:** Tem um trecho que você tem pelo menos dez tipos de palmeiras diferentes. Se você andar com calma você vai observar que elas têm desenhos diferentes, e ela queria isso, ela queria que as pessoas sentissem isso. Tem umas árvores que eu não vou lembrar o nome agora, que são todas retorcidas, que as pessoas fazem piquenique ali perto. Também sempre me chamou muita atenção, que é possível as pessoas fazerem piquenique, é possível as pessoas caminharem, andarem de patins, andarem de bicicleta, correr.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Você deve ter reparado que eu tô aqui há uns bons minutos sem tocar no nome da Bishop. E isso não é à toa. Durante os anos da construção do Parque, ela ficou, mesmo, escanteada. Mesmo estando perto da Lota o tempo todo. E isso era parte do problema. Pra acompanhar a Lota, ela saiu da Samambaia, do sítio paradisíaco, e veio morar no apartamento delas no Rio. Aqui o Paulo Henriques Britto.

**Paulo Henriques Britto:** Agora, tem que levar em conta também o período que isso acontece, estão no Rio de Janeiro, num momento pré golpe de 64, é o momento que eles vêm pra cá, né, e eu me lembro dessa época, eu era

menino, mas eu me lembro, né. O Rio de Janeiro era inteiramente inabitável, as pessoas reclamam hoje em dia, mas não imaginam como é que era antigamente. Virou uma musiquinha de carnaval, uma marchinha de carnaval, "Rio de Janeiro, cidade que seduz, de dia falta água e de noite falta luz".

**Flora Thomson-DeVeaux:** Descer da serra de Petrópolis foi como cair das nuvens.

**Paulo Henriques Britto:** O que vai acabar com a relação vai ser, justamente, não é só a mudança pro Rio, né, é o fato da Lota ficar cada vez mais ocupada com o trabalho, e a Lota era uma pessoa extremamente destemperada, ela começa a brigar com todo mundo, inclusive com os amigos dela, que o próprio Carlos Lacerda e o paisagista Burle Marx, que era muito próximo dela, né, ela acaba brigando com todo mundo. E segundo depoimentos da Bishop, ela se torna uma metralhadora giratória, atacando todo mundo, passa o dia inteiro no telefone xingando as pessoas, e ela vai se alienando, brigando com todo mundo, até que isso afeta a relação com a Bishop.

***Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:** Ela chega em casa do trabalho todos os dias tão pálida e exausta que fico muito preocupada com ela. Eu queria que ela saísse e fizesse um pouco mais de exercício – mas isso é quase impossível! Ela adormece às nove ou dez horas, às vezes ainda vestida, etc.*

**Paulo Henriques Britto:** Um grande projeto da Lota passou a ser o Aterro, a Bishop passou pro segundo plano, né, a Bishop ficou isolada, e começou a, cada vez mais, a.. se pendurar no álcool né, e nas amizades por carta, a carta era uma maneira dela se relacionar com pessoas que não tavam próximas nas relações epistolares com americanos, né, com outros americanos... e o álcool.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Vou fazer mais um parêntese curtinho aqui, pra falar do "elefante na sala". Você deve se lembrar da polêmica em torno da indicação da Elizabeth Bishop pra homenageada da Flip de 2020. Teve muita gente incomodada com o fato de ela não ser uma escritora brasileira, mas também muita oposição à nomeação da Bishop por ela ser, supostamente, apoiadora da ditadura militar. A primeira coisa importante, que já foi levantada por bastante gente, aliás, é que se a gente considerar a obra da Bishop como sendo apenas a poesia dela, não tem qualquer menção ao golpe ou à ditadura.

Mas, como o Paulo Henriques já falou mais cedo, a Bishop era uma grande "epistológrafa", autora de cartas. E essas cartas, escritos íntimos, foram publicadas postumamente, e são analisadas dentro da obra dela, como a de tantos outros

autores. E, sim, em uma dessas cartas ela deixou registrada a reação dela ao golpe de 64. Uma reação menos de entusiasmo do que de alívio. E aqui, só pra gente pensar um pouco em contexto, é importante a gente pensar que a Bishop era alguém que absorvia o noticiário basicamente apenas pela Lota ou pelo amigo delas, o Carlos Lacerda – o que dava no mesmo –, porque eles tavam morrendo de medo de um levante comunista que supostamente vinha sendo gestado. Mas não passou disso. Na verdade, depois de uns anos de brigas sobre o Aterro, a Bishop tava era de saco cheio de política brasileira em geral.

***Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:*** *A Lota anda tão ocupada que só sente mesmo a minha falta na hora do jantar e nos fins de semana prolongados. Estou totalmente enojada da política brasileira, nacional e local. A Lota é uma pessoa brigona, afinal, e de certo modo gosta de toda essa confusão. Há algum tempo cheguei a pensar que nós duas íamos morrer antes que a obra terminasse.*<sup>7</sup>

**Paulo Henriques Britto:** A Lota nunca teve um trabalho na vida dela, ela era uma dondoca da sociedade. Fez aquela casa por capricho dela, pegou um arquiteto da moda, mas ajudou o arquiteto a fazer no final, ela foi alterando o projeto, né. Agora, trabalho mesmo, de ter hora, ter metas pra cumprir, orçamentos, pessoas pra demitir e contratar, a única vez que ela teve isso na vida, foi com o Aterro, e o Aterro virou o projeto de vida dela, naquele momento, e aí sobrou pra Bishop, né, a Bishop ficou sem chão, né.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Além da bebida, a Bishop começou a olhar pra outros lados. Em 1965, ela topou passar uma temporada como professora em Seattle. Mas antes, teve a inauguração oficial do parque, em abril daquele ano.

***LOCUTOR:*** *A Guanabara renova-se apresentando aspectos que acentuam a grandiosidade da perspectiva urbana na obra do Aterro.*

**Flora Thomson-DeVeaux:** E ela foi, do lado da Lota.

**Paulo Henriques Britto:** Essa coisa, ela poder ir, oficialmente como esposa, foi isso que aconteceu na inauguração né. Ela foi lá como mulher da Lota, seria impensável nos Estados Unidos, né. Aqui dentro da elite essas coisas eram mais permissíveis, todo mundo sabia, não comentavam propriamente, mas todo mundo sabia, então ela tem esse lado do Brasil que fascina ela.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Sim, o Brasil é impensável e fascinante. Mas a Bishop tava já com a passagem comprada pra Seattle, passou um semestre lá... e arrumou uma namorada.

---

<sup>7</sup> 18 nov 1965

**Paulo Henriques Britto:** E, por algum tempo, ela ficava fazendo um jogo complicado, ela tá namorando essa moça lá, mas ela acha que aquilo não é uma coisa que pode durar muito, de repente... se as coisas melhorarem no Brasil, ela volta com a Lota, ela tem planos pra voltar. Mas aí, é claro que a Lota acaba descobrindo a história e isso tudo vai piorar mais ainda, né, o relacionamento das duas, e tudo levando isso ao alcoolismo da Bishop. A Bishop chegou a um ponto de ficar hospedada na casa de uma amiga e beber tudo que tem na casa, levar um tombo e fraturar os dois braços ao mesmo tempo. O alcoolismo estava inteiramente descontrolado nessa época.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Enquanto isso, as brigas da Lota só pioravam. Ela queria transformar o Parque numa Fundação gerenciada por ela, pra garantir que ela ia continuar tendo o controle. Mas, nessa altura, o Carlos Lacerda tinha deixado o governo do estado na esperança de se candidatar a presidente – só que o regime militar acabou cancelando aquelas eleições. Ao mesmo tempo, o candidato que ele escolheu pra suceder ele no governo estadual perdeu, e a Lota ficou desamparada.

Eu fui pro Aterro num domingo de sol. E eu não tava sozinha.

Além de ser uma norte-americana radicada no Rio, eu tô vivendo aqui do lado de uma mulher brasileira, a Paulinha Scarpin, que talvez você conheça dos créditos dos projetos da Rádio Novelo. E ao contrário da Lota e da Bishop, a gente teve o direito de se casar. E casar significa que quando a sua mulher quer ir no Aterro cheia de equipamento de gravação e ficar perturbando as pessoas, você vem junto. Inclusive levando uma página da tese da Silvia Ilg Byington, um mapa que mostrava o parque do Flamengo como ele era em 1965.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A gente tá... cadê? Ali o Palácio do Catete... área de brinquedos... aqui, ó, 33, Biblioteca Infantil... não, cadê... você tá vendo?

**Paula Scarpin:** Não tô vendo nada redondo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Aqui, Aldeia Infantil ou Cidade das Crianças. Isso é 31... Aqui a gente tá perto do 34 que é Área de Brinquedos. Isso mesmo, Área de Brinquedos, onde a gente tá.

**Silvia Ilg Byington:** Tem muitas áreas que são lindíssimas, concebidas em projeto e que nunca foram realizadas. Por exemplo, a ponta ali onde tem a Marina da Glória, que não tinha sido completada. E a previsão era que fosse uma área de jardins educativos, percursos com diversas plantas brasileiras e também de outras regiões do planeta, né, do cinturão tropical, pudessem ser

apresentadas, fosse um percurso pedagógico para que os visitantes tivessem o conhecimento da natureza em seus diversos biomas, você tem uma preocupação de divulgar para salvar, né, uma preocupação salvacionista mesmo com a questão do desmatamento já no horizonte desses autores, desses paisagistas. Havia a expectativa de ter uma biblioteca pública. Alguns espaços de leitura. Que nunca foram construídas também. E aí você vê esses espaços vazios.

**Paula Scarpin:** Oi, a gente tá com um mapinha. Aqui era pra ser uma biblioteca, né?

**Tenente:** Era pra ser uma biblioteca? Eu não sei te informar porque só o pessoal da prefeitura que sabe.

**Paula Scarpin:** Mas essa área já foi uma biblioteca?

**Tenente:** Se foi uma biblioteca, fizeram uma reforma. Hoje é um centro de administração do parque.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Não é só o que foi ou deixou de ser construído. A Lota começou a se preocupar com o futuro do parque, com a possibilidade de ele ser desfeito e loteado. Ela sentiu que tava perdendo o controle. Quando a Bishop voltou de Seattle, tudo tava muito pior.

***Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:** A Lota está mesmo muito mal, a meu ver, e não tenho a menor ideia do que fazer por ela. Aquele parque só lhe dá desgosto – e ela se sente enganada, traída, decepcionada etc. por todos – e até onde consigo acompanhar o que está acontecendo, dou-lhe razão – mas a Lota parece não perceber que ela só faz piorar a situação de todo mundo agindo de maneira cada vez mais violenta e agressiva.<sup>8</sup>*

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa carta da Bishop é de 1966. Ao longo daquele ano, a saúde das duas piorou, o desgaste vinha se acumulando, e o psiquiatra da Lota chegou a recomendar que elas não se vissem durante um bom tempo.

***Elizabeth Bishop [Bruna Beber]:** A verdade pura e simples é que a vida com a minha querida Lota, a quem ainda amo muito, há cinco anos é um verdadeiro inferno.<sup>9</sup>*

---

<sup>8</sup> 25 set 1966

<sup>9</sup> idem



**Flora Thomson-DeVeaux:** Finalmente, em meados de 67, a Bishop foi passar um tempo em Nova Iorque. Ela chegou em julho. E a Lota resolveu ir atrás dela em setembro.

**Nádia Nogueira:** A Lota vai para Nova Iorque desobedecendo todos os amigos, todos os médicos, todas as orientações possíveis. E quando ela chega em Nova Iorque, pelas cartas da Bishop, elas não conseguem conversar. E na primeira noite a Lota já toma um vidro de Valium. Aparentemente ela já vai meio que decidida a fazer isso. Porque não deu nem tempo de acontecer alguma coisa, ela tomou isso na noite que ela chegou. Ela ficou alguns dias no hospital, mas não sobreviveu.

**Sebastião Lacerda:** Em certos momentos eu tinha uma certa pinimba com o Aterro porque o Aterro foi a causa, a meu ver foi a causa da morte da Lota. Que ela entregou a vida dela, que era aquilo, né? E na hora que ela sentiu que não tinha mais jeito, que os caras iam tirá-la de lá e que ela não ia poder mais dirigir aquilo e ainda por cima perdendo a Elizabeth aí ela não segurou mais.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Bishop morreu em 79. Dois anos antes, ela tinha mandado um projeto de livro pro editorial. Um livro que ia ser uma longa elegia. À Lota.

**Paulo Henriques Britto:** Só escreveu um verso "no coffee can wake you, no coffee can wake you", "nenhum café pode despertar você" e ela nunca passou daí. Ela escrevia duas linhas e parava, aí começava de novo "no coffee can wake you", aí escrevia mais um pouquinho, mais um pouquinho e largava, aí desistiu, acabou que ela não conseguiu. Mas é um belo verso "no coffee can wake you". Agora, o parque tá lá, o parque deu certo, até onde é possível uma coisa dar certo nessa cidade, nesse país.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Uma parte do medo da Lota era de o parque ficar abandonado. E de fato, tem partes que estão bem degradadas.

*[som ambiente do Aterro do Flamengo]*

**Flora Thomson-DeVeaux:** Uma das brigas que a Lota comprou na época da construção do parque era a expansão do número de campos de futebol. Foram de quatro pra oito. E quando tavam em boas condições, tinha jogo dia e noite.

**Baltazar:** É, eu trabalho aí com arbitragem no amador aí, mas realmente até nós que apita jogo tá caindo aí no chão, ralando o joelho, ralando tudo. Semana mesmo, eu me machuquei aqui, vários jogadores se machucaram...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Que tá bem detonada, né?

**Baltazar:** É realmente tá abandonada aí, a manutenção não tem, né? Hoje em dia não tem mais público por causa do campo mesmo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Antigamente o pessoal vinha assistir?

**Baltazar:** Ah, isso aqui era lotado. Não tinha nem vaga aqui pro pessoal ver o jogo. Aquele campo cinco ali era o Maracanã daqui do Aterro, que era de areia fofinha, que nós chamava do Maracanã do Aterro. Então eu fui campeão lá em oitenta e sete pelo Grêmio Popular do Aterro na época, em cima do Tavares.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Como é que foi esse jogo?

**Baltazar:** Foi três a dois, três a dois. Nesse jogo eu fiz até dois gols. Fui campeão.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Do lado da degradação, tem também transformação. Um dos playgrounds originais é uma construção bem curiosa, chamada Cidade das Crianças. É uma coisa entre um mini-labirinto em concreto colorido e uma espécie de condomínio de casas em miniatura, só que sem o teto – se é que dá pra entender.

**Nelson:** Acho meio engraçado você acompanhando uma coisa que é extremamente visual com equipamento de áudio. Minha companheira tá fazendo um ensaio de um bloco ali e eu trouxe meu filho pra brincar um pouquinho. Tá ali fascinado com o pessoal fazendo parkour.

*[som ambiente do Aterro do Flamengo]*

**Parkour 1:** Eu venho aqui de vez em quando porque é um pico bem conhecido. Aí direto vem aqui pra fazer uns saltos legais.

**Paula Scarpin:** Vocês combinam de se reunir aqui?

**Parkour 1:** Sim, sim. Tem uma galera de Brasília aqui hoje, uma galera de fora, aí eles falaram, poxa, tá indo pra lá, vai tá lá. Cola aí, aí veio geral.

**Parkour 2:** A gente sabe que aqui oficialmente é o parquinho das crianças e, bem, desde que eu comecei a treinar, isso já tem uns dez anos pelo menos, que a gente utiliza isso de vez em quando pro parkour. Com o tempo a área foi ficando mais desorganizada, ficando mais abandonada, né? A gente vê

hoje em dia muito menos crianças do que a gente via há alguns anos, mas a gente sempre tomou o lugar como treino e a gente continua fazendo. Aqui já foi local de encontros, encontro nacional, encontro carioca. É um local conhecido Brasil inteiro. No Brasil todo conhece -- a gente chama de Leparquinho, né?

**Evam Alves:** É, aqui é calmo, por exemplo, hoje não tem movimento. Durante a semana isso aqui é calma, os passarinhos, os macacos são meus amigos. Aqui não, eles ficam ali eu trago banana pra ele e fico brincando com ele no galho, né? Mas é bom isso aqui.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Este aqui é de novo o seu Evam, que a gente ouviu lá no começo do episódio.

**Evam Alves:** Evam Alves. Não sou parente de Castro Alves não, mas eu tive um ateliê onde ele morava.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Ele tava sentado numa mesinha de concreto à sombra de uma árvore, com uma pasta cheia dos desenhos dele. Eu e a Paulinha puxamos um papo com ele.

**Evam Alves:** Lapa, Oxalá. Cristo Redentor. Pão de Açúcar. Ó a Bahia ali. Sou de Salvador. É uma igreja do Bonfim, ó.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Seu Evam é de Salvador, mas agora mora em Laranjeiras, que é um bairro bem perto do Flamengo, e ele vem sempre ao parque. E ele não fica só observando a natureza e desenhando, não.

**Evam Alves:** Inclusive eu tenho até esse prazer, que é essa, essa, aquela... aquelas duas lá, eu ficava aqui desenhando e tinha um cara que a vida dele -- eles plantavam pequeninha, ele vinha de lá e quebrava. Eu peguei pra dar porrada, peguei uma barra de ferro, tirei ele daqui.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Ele tava quebrando as mudas?

**Evam Alves:** É! Eu briguei com ele, viu? Que a vida dele era essa, plantava, ele ia lá quebrar. Então briguei com ele. Essa por exemplo aqui, ela que tá ali eu cansei de amarrar o galhinho pra ela sobreviver, ó. Hoje eu tô vendo elas crescer. É uma beleza. E tem outras mais por aqui.

**Paula Scarpin:** E o senhor sabe quem foi que transformou em parque?

**Evam Alves:** Sei, o Burle Marx.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Ele que fez o paisagismo, né? Mas tem todas essas estruturas.

**Evam Alves:** Não, que depois se aterrou essa estrutura dessa beleza foi ele.

**Paula Scarpin:** E o senhor já ouviu falar na Lota de Macedo Soares?

**Evam Alves:** Não.

**Paulo Henriques Britto:** Agora, ela se tornou na época, pelo que eu li nas cartas, ela se tornou uma figura conhecida no Rio, na época, né, todo mundo sabia quem ela era, ela tava sempre lá na canteiro de obra, geralmente dando esporro em alguém, e ela saía na rua, as pessoas cumprimentavam ela "oi, Dona Lota, ta ficando lindo o parque", ela tinha uma certa.. conhecida na época, depois que ela morreu, realmente ela... simplesmente sumiu da memória da cidade.

**Nádia Nogueira:** Eu, como uma admiradora dessa excêntrica senhora, Lota de Macedo Soares, eu indico que toda pessoa que vá ao Rio de Janeiro tire um dia para conhecer o parque, para caminhar por ele, para ver sua paisagem. Eu desejo que as pessoas conheçam, e saibam que quem construiu o parque foi uma mulher que viveu e morreu por ele. Mas ela deixou essa poesia aí para a cidade do Rio de Janeiro, que é uma das mais belas cidades do mundo, a gente sabe disso. A Bishop escreveu muitas vezes -- Que ela foi morar lá na baía de São Francisco, né? Ela falava: aqui é bonito, mas nada, nada, nada se compara à beleza do Rio de Janeiro. Nada.

**Paulo Henriques Britto:** E a ironia da coisa é que a Bishop passava no Rio de Janeiro, quando ela vinha ao Brasil pra ir pra casa dela em Ouro Preto, ela sempre comprava um monte de cartões postais do Aterro e mandava pros amigos.

*[som ambiente do Aterro do Flamengo]*

**Flora Thomson-DeVeaux:** Ó ali, tem uma placa ali. Será que é ali? Não sei se deixam a gente entrar.

**Paula Scarpin:** Teatro Municipal de Marionetes Carlos Werneck de Carvalho. Inaugurado em 1965, este teatro foi projetado pelo arquiteto Carlos Werneck...

**Flora Thomson-DeVeaux:** participante do grupo de trabalho de Lota de Macedo Soares.

**Paula Scarpin:** Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Peraí tem outra placa ali.

**Paula Scarpin:** Ali é.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Ali é? Ah é! Tem o nome dela.

**Paula Scarpin:** Lota de Macedo Soares. 1910-1967, idealizadora do Parque do Flamengo e presidente do grupo de trabalho que...

**Flora Thomson-DeVeaux:** transformou o Aterro...

**Paula Scarpin:** transformou o Aterro em jardim e área...

**Flora Thomson-DeVeaux:** recreativa.

**Paula Scarpin:** Homenagem da cidade.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo.

Essa história, de novo, foi gravada em 2021. E a gente não tem como afirmar causa e efeito, mas de lá pra cá, os campos de futebol soçaito do Aterro foram revitalizados com grama sintética.

A gente agradece ao Paulo Werneck e a toda a equipe da Revista Quatro cinco um por deixar a gente compartilhar aqui no nosso feed o episódio que a gente tinha feito com eles.

Aliás, se você gostou dessa história, tem bem mais histórias assim no arquivo do podcast 451 MHz. Os episódios sempre trazem excelentes conversas sobre literatura, mas eu recomendo especialmente os outros episódios narrativos. Tem episódio dedicado ao Rubem Fonseca, à Lygia Fagundes Telles, ao Paulo Freire, e vários outros. A gente vai deixar uma playlist com esses episódios na descrição do episódio e no nosso site.

Lá no site da Rádio Novelo tem também as referências da pesquisa da Flora, e algumas fotos das gravações que ela e a Paulinha fizeram no Aterro naquele ano.

Você encontra o Rádio Novelo Apresenta nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

Se você for recomendar ou comentar sobre algum episódio nosso nas redes sociais, marca a gente. Nosso perfil é @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram.

Hoje eu te convido também pra seguir as redes da revista Quatro Cinco Um, @quatrocincoum, por extenso.

Este episódio, como eu comentei no início, foi ao ar em dezembro de 2021 no feed do 451 MHz.

O Paulo Werneck, além de diretor geral da Associação Quatro Cinco Um, é o apresentador do MHz e conduziu as entrevistas deste episódio com a Flora.

A coordenação do episódio foi do Vitor Hugo Brandalise, e a produção foi da Ashiley Calvo.

As gravações no Aterro do Flamengo foram feitas pela Flora e pela Paula Scarpin, que também fez o tratamento de roteiro e a sonorização deste episódio.

A edição foi da Cláudia Holanda, e a finalização e mixagem são do Pipoca Sound.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A gente usou músicas do Daniel Limaverde, compostas especialmente pra série de episódios narrativos do 451 MHz, da Luna França, compostas originalmente aqui pro Rádio Novelo Apresenta, e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.